

ARGUMENTAÇÃO NA LIBRAS: REFLEXÕES SOBRE ESTRATÉGIAS VÍSUO-ESPACIAIS

Nídia Nunes Máximo (UFPE)¹
nidia.maximus@hotmail.com
Wilma Pastor de Souza (UFPE)²
wilmapastor@gmail.com

Introdução

A pesquisa que deu origem a este trabalho teve como objetivo identificar estratégias de argumentação na LIBRAS utilizadas por indivíduos surdos, os quais têm a LIBRAS como sua primeira língua (L1). Analisamos vinte textos visuais, de pessoas adultas voluntárias, que foram convidadas a produzir comentários analíticos sobre um tema proposto em LIBRAS. Os textos visuais foram coletados por meio de filmagem para a composição do *corpus* da pesquisa intitulada *Marcas da LIBRAS no discurso argumentativo escrito em português por surdos*³, com a qual o estudo aqui está relacionado.

A LIBRAS é uma língua que é caracterizada por sua natureza vísuo-espacial, ou seja, é uma língua que faz uso do movimento das mãos e do corpo e de expressões faciais num espaço de enunciação (que vai da cabeça ao quadril do sinalizador), para produzir sinais (equivalentes às palavras de uma língua oral-auditiva) que são captados pela visão. A partir de Linddell (2003), Supalla (1978), dentre outros, consideramos a LIBRAS a língua natural dos surdos, pois estes a adquirem espontaneamente, sem apresentar dificuldades, em contato com outros usuários desta língua. Vale ressaltar que é através desta língua que os indivíduos surdos conseguem expressar, de forma mais legítima, suas visões de mundo.

Dada a importância da LIBRAS para as pessoas surdas, os professores responsáveis pela educação formal desses indivíduos precisam conhecer essa língua, com a finalidade de contribuir positivamente para o desenvolvimento de inúmeras habilidades e competências de letramento desse público. Conhecer uma língua implica conhecer suas diferentes formas de expressão, que se concretizam nos gêneros do discurso. Logo, compreender como se organizam os gêneros do discurso na LIBRAS é algo relevante e imprescindível aos educadores de estudantes surdos. Apesar de as peculiaridades das práticas de letramento das pessoas surdas terem tido mais visibilidade nos últimos anos, especialmente após a Lei da LIBRAS (no. 10.436/2002), ainda há muito preconceito em relação a esse grupo social. Como muitos ainda desconhecem o universo da surdez, parece que ainda é forte a equivocada ideia de que as pessoas surdas não conseguem se comunicar bem, mesmo por meio da LIBRAS. O uso dessa língua possibilita a realização de atividades discursivas realizadas nas línguas oral-auditivas. Entre estas, a atividade da argumentação.

O português para os indivíduos surdos usuários da língua de sinais é uma segunda língua (L2). A maioria deles aprende o português apenas na modalidade escrita. É notório que textos escritos em português produzidos por esses indivíduos apresentam estruturação atípica, em função da influência da L1 sobre a L2. Há indícios de que os textos que oferecem mais dificuldade para a escrita por parte de pessoas surdas são aqueles que apresentam a atividade da argumentação.

¹ Professora de Linguística e Língua Portuguesa do Centro de Artes e Comunicação (UFPE).

² Professora de LIBRAS do Centro de Educação (UFPE).

³ A citada pesquisa foi realizada no período de agosto de 2011 a janeiro de 2014, financiada pelo CNPq (Edital CNPq/CAPES 07/2011, Processo nº 401834/2011-5, protocolo nº 3609647291897900).

Em virtude disso, entendemos que é fundamental que professores de língua portuguesa como L2 para pessoas surdas conheçam as estratégias de argumentação na LIBRAS, a fim de compreender alguns aspectos de textos predominantemente argumentativos escritos por indivíduos surdos em português, de modo que professores reconheçam as marcas da língua de sinais na escrita em português e possam contribuir para que seus alunos escrevam de modo menos atípico.

Para a análise do *corpus*, adotamos o conceito de argumentação e de *layout* do argumento de Toulmin ([1953] 2003), que adota como constituição básica do argumento a existência de dado e conclusão. Verificamos que, na construção dos argumentos na LIBRAS, os voluntários da pesquisa utilizam quatro estratégias argumentativas que estão situadas nos níveis gramaticais da LIBRAS – fonológico, morfossintático e semântico. Assim, este trabalho discute as estratégias argumentativas utilizadas na LIBRAS – a expressão facial que aponta para o posicionamento argumentativo; a intensificação do sinal através da repetição; as perguntas retóricas; e o uso da estratégia de referenciação denominada de *role-play*.

1. Argumentação

Podemos definir argumentação, em linhas gerais, como uma atividade discursiva de defesa de um ponto de vista, com o objetivo de persuasão, ou seja, com o objetivo de convencer o interlocutor que o ponto de vista adotado pelo argumentador é correto e coerente. De acordo com Velasco (2010, p. 42), “um texto argumentativo é aquele que comporta ao menos um argumento, sendo possível a identificação tanto da tese central defendida (conclusão), fruto da inferência, como também das informações que embasam tal base (premissas).”

Além disso, a estrutura básica de um argumento se edifica estruturalmente de diferentes formas: além do ponto de vista, aparece pelo menos uma justificativa propriamente, que pode aparecer em forma de citação de um fato real ou fictício a ser usado como exemplo, de um dado científico a ser usado como prova, entre outras formas possíveis.

Para Toulmin ([1958] 2003), os argumentos são toda espécie de conteúdos proposicionais, vazados em asserções, que se organizam basicamente, por meio da apresentação de uma tese que convoca uma justificação. Para esse autor, a argumentação formal se constitui de dois elementos básicos: premissas e conclusão. Já na argumentação informal, esses elementos se ampliam, de modo que a justificação se torna uma operação necessária.

Toulmin ([1958] 2003) postula que um argumento completo apresenta um *layout* com os seguintes elementos, no original em inglês: *data* (D), *warrant* (W), *claim* or *conclusion* (C), *modal qualifier* (Q), *backing* (B), *rebuttal* (R). Traduzidos para o português: dado (D) (informação conhecida da qual se pode tirar uma conclusão), garantia ou justificação (J) (justificação, garantia, para a conclusão inferida), conclusão (C) (ideia apreendida da informação conhecida, a partir da justificação), qualificador modal (Q) (um modalizador, que indica a força dada à garantia), suporte (S) (informação que avaliza a garantia), refutação (R) (contra-argumento que vai de encontro à conclusão).

Vejamos o modelo do *layout* de Toulmin, com o exemplo escolhido pelo próprio autor:

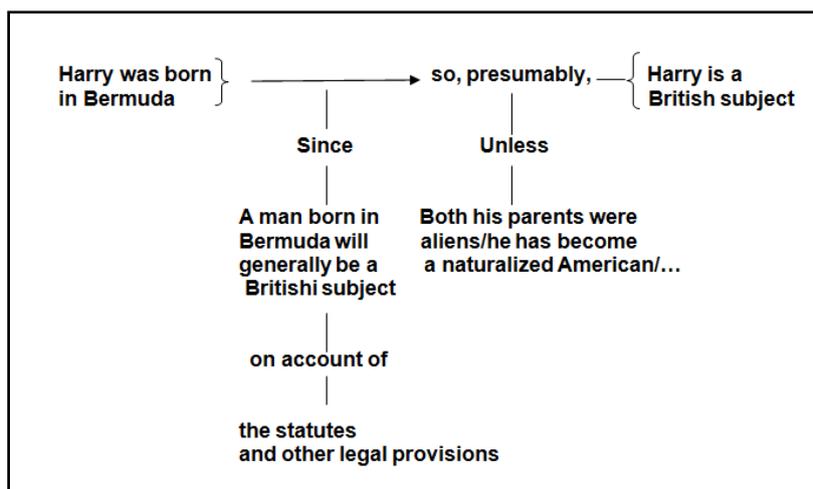


FIGURA 1 – Toulmin ([1958] 2003, p. 94)

Em português:

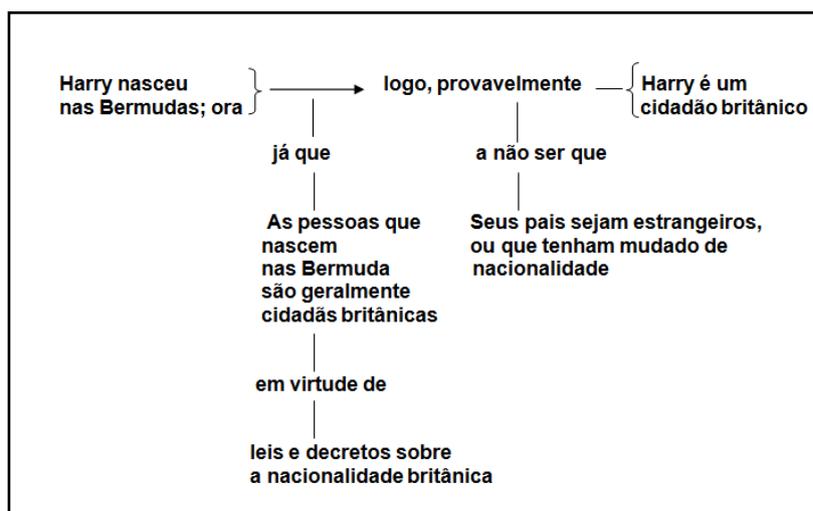


FIGURA 2 – Modelo do layout de Toulmin traduzido.

Nesse exemplo, percebemos o *layout* completo da argumentação: dado (Harry nasceu nas Bermudas), justificação (já que as pessoas que nascem nas Bermudas são geralmente cidadãs britânicas), suporte (em virtude de leis e decretos sobre a nacionalidade britânica), qualificador modal (logo, provavelmente), refutação (a não ser que seus pais sejam estrangeiros ou que tenham mudado de nacionalidade), conclusão (Harry é um cidadão britânico).

Considerando os aspectos acima expostos sobre a argumentação, procedemos à análise dessa atividade discursiva na LIBRAS, ou seja, procuramos identificar as estratégias utilizadas por surdos para a constituição do discurso argumentativo. Para tal, precisamos compreender a estrutura da LIBRAS no que tange aos seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos a fim de identificar os recursos

argumentativos presentes nesta língua na estrutura argumentativa básica composta por premissa e conclusão.

2. LIBRAS

2.1 Caracterização: aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos

2.2 Nível fonológico

Para compreendermos as estratégias de argumentação na LIBRAS, é necessário conhecer aspectos basilares dessa língua de sinais. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), no nível fonológico, estão determinadas as unidades mínimas para a formação dos sinais e estabelecem os padrões possíveis para criar combinações entre tais unidades assim como as variações possíveis no âmbito fonológico. O que é denominado de ‘palavra’ em língua portuguesa corresponde ao sinal em línguas de sinais. Quadros e Karnopp (2004) destacam que os sinais são constituídos por cinco parâmetros que ao serem combinados formam as unidades mínimas – os fonemas – que originam os morfemas nas línguas sinais, o que é semelhante nas línguas orais. Tais afirmações das referidas autoras, têm por base os estudos de Stokoe (1960), acrescentando-lhe novos dados, bem como renomeando o que outrora era querologia, por fonologia, dada a semelhança com este mesmo fenômeno nas línguas orais.

Para Quadros e Karnopp (2004), os principais parâmetros fonológicos para a realização do sinal são: configuração de mão, movimento e locação conforme a figura abaixo:

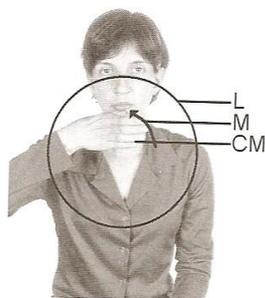


Imagem 1. Os parâmetros fonológicos da LIBRAS (In: Quadros e Karnopp, 2004, p. 51)

O primeiro parâmetro incide sobre as formas que as mãos assumem para a realização do sinal, as quais podem ser em datilologia – alfabeto em LIBRAS – ou em formas que utilizam a mão (mão direita para os destros e mão esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos.

Sousa (2009) enfatiza que na LIBRAS o movimento necessita de um objeto, o qual é representado pelas mãos do enunciador, e do espaço que é área na qual o enunciador está circunscrito. Assim, o movimento apresenta variações quanto à direcionalidade, maneira e frequência. Nesse sentido, o movimento tem papel fundamental na argumentação, pois o alongamento ou repetição de um movimento com a finalidade de expressar intensidade podem apontar para o posicionamento argumentativo do enunciador.

Quanto ao terceiro parâmetro, a locação, é o ponto de articulação, ou seja, o local onde está posicionada a mão configurada que pode ser em algum lugar do corpo ou em um espaço denominado de “espaço neutro”.

Com o avanço das pesquisas sobre as línguas de sinais, foram acrescentados dois parâmetros: a orientação da mão e as expressões não manuais – estas são correspondentes às expressões faciais e corporais. A orientação da mão mostra a direção em que os sinais são realizados e está intimamente relacionada aos parâmetros supracitados. A orientação é, portanto, “a direção da palma da mão durante o sinal voltado para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita.” (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 41 apud SOUSA, 2009, p. 76). Então, os sinais são diferenciados também pela orientação da palma da mão.

As expressões não manuais, por sua vez, contribuem para o entendimento do real sinal, visto que equivalem à entonação. Essas expressões estão reveladas no movimento da face, dos olhos ou do tronco e exercem duas funções. A primeira é marcar as construções sintáticas e a segunda é diferenciar os itens lexicais. Para exemplificar temos os sinais de “triste” e “exemplo” que se diferenciam pela expressão facial como podemos ver nas imagens abaixo:

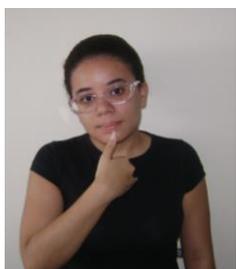


Imagem 2. Sinal de “triste” Arquivo, GEPEL, 2013

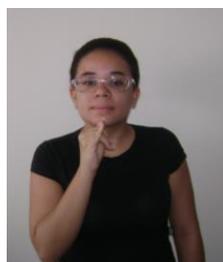


Imagem 3. Sinal de “exemplo”. Arquivo GEPEL, 2013

2.3 Nível morfológico

No nível morfológico, as línguas de sinais possuem um sistema de estrutura e formação de palavras que as organiza em classes gramaticais assim como as línguas orais-auditivas. O que diferencia as línguas de sinais das línguas orais-auditivas é que as primeiras são línguas sintéticas ou seja, não possuem o artigo em sua estrutura morfológica assim como as línguas clássicas, a saber, o latim e o grego (FERNANDES, 2003).

Em LIBRAS, os advérbios de intensificação têm papel importante na construção da argumentação. Felipe (1988) destaca que alguns signos quando são antepostos a um verbo atuam como modificadores como acontece com os modais, advérbios de intensidade, negação e afirmação. A particularidade da LIBRAS e das línguas visuais-espaciais é que há a presença de advérbios faciais, isto é, certas expressões faciais ao lado de configurações e mão que não fazem parte do sinal e, conseqüentemente, modificam o signo.

2.4 Nível sintático

Na LIBRAS, a combinação dos sinais possui regras próprias que conferem a esta o estatuto de língua. Assim como todas as línguas de sinais, a LIBRAS é organizada espacialmente, pois trata de um sistema visuo-espacial. Tal natureza faz com que as relações gramaticais se estabeleçam de maneiras diferentes no espaço, o que resulta em mecanismos sintáticos específicos (SOUSA, 2009).

Sintaticamente, a LIBRAS possui aspectos estruturais essenciais: o estabelecimento nominal e a pronominalização e a concordância verbal. Assim, os sujeitos e objetos podem ser situados em um ponto no espaço de sinalização, contribuindo para a concordância verbal, especialmente no que tange aos referentes ausentes. Quadros e Karnopp (2004) apresentam os mecanismos espaciais para o estabelecimento da referência: fazer um sinal em um local específico; direcionar olhos e cabeça para um ponto específico ao mesmo tempo que sinaliza; usar a apontação antes do sinal de um referente; usar o pronome em uma localização particular em face de uma referência óbvia; usar um classificador com a finalidade de representar o referente em uma localização específica; usar um verbo direcional, isto é, verbos que têm concordância, a fim de incorporar os referentes introduzidos no espaço anteriormente.

É interessante notar, na LIBRAS, o valor linguístico conferido à apontação, pois a função dêitica é marcada por meio deste recurso: o locutor insere os referentes no espaço ao apontar para locais diferentes. Esta apontação pode envolver referentes que estejam presentes através da sinalização da direção real dos referentes ou ausentes por meio do estabelecimento de posições arbitrárias no espaço. Assim, a apontação permite a constituição dos pronomes no espaço. Na contação de histórias, por exemplo, os personagens são posicionados em locais diferentes durante toda a narrativa e esses referentes são recuperados através da apontação, do olhar e do movimento do corpo do locutor (FERNANDES, 2003).

2.5 Nível semântico

No nível semântico da LIBRAS, os traços são determinados a partir dos usos e do contexto assim como ocorre com as línguas orais-auditivas. A polissemia é uma característica que também faz parte do léxico na LIBRAS como acontece com outras línguas. Por exemplo, as palavras “laranja” e “sábado” possuem a mesma configuração de mão, locação e movimento. O mesmo acontece com as palavras “açúcar”, “doce” e “guardanapo”. O que nos permitirá identificar o sentido do sinal é o contexto.

Na LIBRAS, os usuários constroem o sentido dos enunciados numa relação dialógica (BAKHTIN, VOLOCHINOV 1992) como acontece com as demais línguas. A mudança do sentido se dá através das expressões não manuais ou da forma que o sinal é feito, com maior ou menos intensidade das mãos, por exemplo.

Na LIBRAS, os traços semânticos emergem graças aos aspectos prosódicos através das expressões faciais, manuais ou corporais (FERNANDES, 2003). Além disso, as perguntas retóricas – muito recorrentes em LIBRAS – configuram-se como um recurso semântico que contribui para o desenvolvimento da teia argumentativa.

2.6 O uso do espaço

Na LIBRAS, assim como as demais línguas de sinais, a realização dos sinais no espaço permite a concretização das relações sintáticas, possibilitando a construção de textos em LIBRAS. Quando o sinal é produzido no espaço, as relações semânticas são alteradas dependendo do local de produção. Dessa forma, o valor semântico do sinal está intimamente relacionado à localização espacial. Isso faz com que o espaço seja um elemento distintivo na LIBRAS e em qualquer língua de sinais.

O espaço também define os elementos presentes numa sentença. Então, quando acontece a repetição de um mesmo sinal, entendemos que houve uma ênfase a um referente ou a pluralização de um mesmo referente.

No uso do espaço, há um recurso muito utilizado: o *role-play*. Este recurso é muito usado nas narrativas e acontece quando o sinalizador assume a posição dos personagens, realizando alternância entre eles nas situações de ações ou diálogos. Isso contribui para melhor definição dos personagens e facilita, conseqüentemente, a compreensão dos fatos narrados.

4. Metodologia

Para a realização do trabalho procedemos a coleta de dados realizada no decorrer da realização de dois projetos de iniciação científica (*Estratégias de argumentação na LIBRAS*, Edital PIBIC/CNPq 2012-2013 e *Os usos dos espaços mentais real, token e sub-rogado na construção de estratégias argumentativas na LIBRAS*, Edital PIBIC/CNPq 2013-2014). Constituímos o *corpus* com a produção de um comentário analítico em LIBRAS realizado por 20 (vinte) voluntários, tal como previsto no projeto *Marcas da LIBRAS no discurso argumentativo escrito em português por surdos*, financiado pelo CNPq (Edital CNPq/CAPES 07/2011, Processo nº 401834/2011-5, protocolo nº 3609647291897900).

Participaram 8 (oito) voluntários de Recife, 2 (dois) de Limoeiro, 8 (oito) de Caruaru e 2 (dois) de Belo Jardim. Para referir os voluntários, adotamos, para a identificação dos voluntários, códigos alfanuméricos, de modo a preservar suas identidades, a saber: RV (Recife), CV (Caruaru) e CVBJ (Belo Jardim) e o número conforme ordem de filmagem. Todos os voluntários têm como escolaridade mínima o ensino médio completo. 8 (oito) deles têm ensino superior completo

A coleta de dados foi realizada por meio de encontros com os voluntários nos quais era feita a apresentação da pesquisa ao candidato voluntário e solicitada a sua aceitação mediante assinatura de um termo de consentimento; a apresentação do tema sobre o qual o voluntário deveria expor seu(s) ponto(s) de vista por meio da LIBRAS; gravação em vídeo do comentário analítico do voluntário; retextualização feita pelo voluntário do seu próprio texto gravado em vídeo; digitalização e digitação dos textos escritos; análises dos textos escritos, observando os processos de retextualização. Os textos visuais foram legendados e narrados em português. Cada voluntário foi convidado a criar um comentário argumentativo em LIBRAS a partir de duas perguntas provocativas. Para os voluntários de Caruaru e Limoeiro fizemos a seguinte pergunta: “Na sala de aula, você defende a presença de intérpretes, ou professores que usem LIBRAS?”

Para os voluntários de Recife perguntamos: “Você defende escola inclusiva ou escola bilíngue para surdos?” Inicialmente, filmamos os voluntários realizando o comentário em LIBRAS. Em seguida, eles escreveram um comentário argumentativo em português, retextualizando o comentário em LIBRAS. A nós coube-nos a análise dos comentários filmados.

Para a análise das estratégias argumentativas empregadas pelos voluntários surdos, utilizamos os textos visuais produzidos por eles na LIBRAS.

5. Resultados e discussão

Dos 20 (vinte) textos visuais, 13 (treze) apresentam a superestrutura de comentários analíticos. 7 (sete) são relatos. Percebemos que todos os voluntários que produziram textos predominantemente argumentativos apresentam pelo menos um

argumento, composto pelos elementos dado e conclusão, para defender o seu ponto de vista. Como exemplo, apresentamos a seguir a transcrição de trechos de um dos comentários visuais, produzido por CV5. Vejamos:

CV5

- Conclusão 1: Melhor é o professor que sabe libras
- Dado 1: Eu sendo surdo posso perguntar diretamente ao professor. O professor sabendo língua de sinais facilitará a comunicação

Nesse trecho, identificamos um argumento composto por um dado e uma conclusão, em que o voluntário defende a presença de professores que saibam LIBRAS, pois isso facilitaria a comunicação e o aprendizado no ambiente educacional.

É importante destacar que nos 13 textos predominantemente argumentativos podemos encontrar a estrutura básica do argumento – dado e conclusão. No entanto, os outros elementos – justificção, suporte, qualificador modal, refutação – aparecem em alguns textos e em outros não. Vejamos outro excerto de um texto de um voluntário:

CV1

- Conclusão 1: *“É importante, o que? É preciso o uso da LIBRAS para a comunicação visual do surdo”*. (14s a 18s)
- Dado 1: *“É preciso a presença de intérprete em sala de aula porque se o professor faz LIBRAS e oraliza ao mesmo tempo, isso causa confusão”* (19s a 26)
- Dado 2: *“Se o surdo está em um espaço próprio pra o surdo com o professor que domina e língua de sinais e não oraliza, o surdo pode se desenvolver. Mas, na escola inclusiva é importante ter professor ouvinte e intérprete de LIBRAS”*. (44s a 59s).
- Conclusão 2: *“Em Porto Alegre tem uma Universidade Federal onde há um espaço próprio para surdo com o professor que faz uso da LIBRAS. Não é inclusão, é um espaço próprio para surdo”* (1min a 1min14s).

No texto de CV1, observamos dois argumentos compostos por dois dados e duas conclusões que sustentam as ideias defendidas por ela no que tange à necessidade de um espaço escolar próprio para o surdo, ou seja, um espaço bilíngue que atenda às suas necessidades e que tenha como base o uso da LIBRAS.

Vale ressaltar que em todos os vídeos os argumentos são pertinentes aos pontos de vista que defendem.

Verificamos que os voluntários utilizaram quatro estratégias argumentativas na elaboração dos seus textos em LIBRAS. Tais estratégias estão mais presentes no núcleo do argumento, ou seja, elas são mais utilizadas pelos voluntários nas sequências constituídas pelos elementos dado e conclusão. Isso nos mostra que os indivíduos surdos realizam a atividade da argumentação. As estratégias identificadas foram:

- a) expressão facial que aponta para o posicionamento argumentativo;
- b) intensificação do sinal através da repetição;
- c) perguntas retóricas;
- d) uso do espaço denominado de *role-play*.

5.1 Expressão facial

Na LIBRAS, as expressões não manuais abarcam as expressões faciais e corporais, como elementos pertencentes ao nível fonológico dessa língua, que equivalem à recursos prosódicos de determinados sinais. No caso da argumentação,

percebemos que algumas expressões faciais acompanham determinados sinais que não necessitariam de tais expressões para marcar a diferença entre itens lexicais. Isso nos revela que tais expressões apontam para o posicionamento argumentativo dos voluntários, como está exemplificado nas imagens extraídas dos vídeos coletados. As imagens 4, 5 e 6 apresentam a sequência do comentário de CBJV7, que é parte do dado do primeiro argumento por ela apresentado, em que ela diz: “[...] *SE INTÉRPRETE PROFESSOR@ ORALIZA ALUNO PERDE*, [...]”. A expressão facial da voluntária não faz parte dos sinais ‘intérprete’ e ‘oralizar’. Nesse caso, essas expressões marcam a discordância do voluntário quanto à presença dos intérpretes enquanto os professores que oralizam, causando perdas para os estudantes surdos, pois os intérpretes não interpretam todos os discursos que circulam na sala de aula. A voluntária deixa isso explícito no tempo 21s a 33s do vídeo.



Imagem 4. Arquivo GEPEL, 2013.



Imagem 5. Arquivo GEPEL, 2013.



Imagem 6. Arquivo GEPEL, 2013.

5.2 Intensificação do sinal

No nível morfológico, alguns sinais que são antepostos aos verbos atuam como modificadores, ou seja, em nosso caso, como advérbios de intensificação. Além disso, a própria intensificação do verbo através da repetição tem papel fundamental na argumentação ao lado de determinadas expressões faciais, marcando o posicionamento do argumentador. Podemos ilustrar essa constatação nas imagens abaixo.



Imagem 7. Arquivo GEPEL, 2013 Imagem 8. Arquivo GEPEL, 2013 Imagem 9. Arquivo GEPEL, 2013

No texto deste voluntário, notamos a intensificação do sinal “corte” através da repetição agregada a expressão facial, atuando como advérbio facial, o que revela uma particularidade da LIBRAS e muda, conseqüentemente, o sentido do signo. O voluntário intensificou o sinal com a finalidade de marcar o seu posicionamento de discordância quando o professor oraliza e há intérprete, pois há muitos cortes na comunicação. Assim, percebemos essa discordância através da sua expressão facial

comprimida que não faz parte do sinal “corte”. Assim, a junção da intensificação do sinal à expressão facial tornou a argumentação mais rica.

5.3 Perguntas retóricas

No nível semântico, as perguntas retóricas contribuem para o desenvolvimento da teia argumentativa, sendo um recurso recorrente na LIBRAS, visto que possibilitam a construção do sentido numa relação dialógica quando o argumentador se dirige a um interlocutor que não está presente. As imagens abaixo exemplificam bem a estrutura sintática das perguntas retóricas:



Imagem 10. Arquivo GEPEL, 2013.



Imagem 11. Arquivo GEPEL, 2013.



Imagem 12. Arquivo GEPEL, 2013.



Imagem 13. Arquivo GEPEL, 2013.

Nesse momento o voluntário pergunta o “como surdo aprende, como?” e ela mesma dá a resposta ao enfatizar que a melhor forma de aprendizado para o surdo é através da presença de professores que usem LIBRAS, o que reforça a sua opinião contrária ao modelo de escola inclusiva.

5.4 Uso do recurso de referenciação denominado de *role-play*

O uso do espaço é muito importante na LIBRAS, pois possibilita a concretização das relações sintáticas e também atua como elemento distintivo para estabelecer o valor semântico do sinal conforme a localização espacial. Percebemos bem o uso do espaço nas imagens abaixo:



Imagem 14. Arquivo GEPEL, 2013



Imagem 15. Arquivo GEPEL, 2013



Imagem 16. Arquivo GEPEL, 2013

Nessas imagens, o voluntário utilizou o recurso *role play* posicionando o professor que sabe LIBRAS do lado esquerdo e o intérprete do lado direito para explicar que a existência do professor que sabe LIBRAS facilita a comunicação e contribui mais para o aprendizado embora seja possível o aluno aprender com o intérprete.

A apontação também aparece como recurso para recuperar referentes localizados no espaço anteriormente nas imagens abaixo:



Imagem 17. Arquivo GEPEL, 2013



Imagem 18. Arquivo GEPEL, 2013.



Imagem 19. Arquivo GEPEL, 2013



Imagem 20. Arquivo GEPEL, 2013

Nessas imagens, o voluntário localizou o professor que sabe LIBRAS do lado direito e explicitou como esse professor contribui na transmissão dos conteúdos para os alunos surdos, visto que faz uso da LIBRAS. Em seguida, de 21s a 39s, posicionou o intérprete do lado esquerdo para mostrar que a sala de aula em que há intérprete ao invés do professor que sabe LIBRAS, há muitas perdas, em face das paradas e dos momentos em que o intérprete não interpreta todos os discursos, o que, conseqüentemente, é prejudicial para o aluno surdo no que tange à interação e à aprendizagem. Notemos a apontação para recuperar os os referentes e também enfatizar tais referentes.

Nas imagens a seguir vemos o recurso do *role-play* quando o argumentador assume a posição de referentes distintos, fazendo as devidas alternâncias.



Imagem 21. Arquivo GEPEL, 2013



Imagem 22. Arquivo GEPEL, 2013

A voluntária se posiciona do lado direito para se referir ao professor da escola inclusiva e do lado esquerdo para se referir ao aluno da escola inclusiva e as respectivas atitudes deles. Vale ressaltar que usa direcionamento do corpo e do olhar, tornando a argumentação mais rica.

Diante disso, através do gráfico abaixo podemos perceber a recorrência das estratégias argumentativas utilizadas pelos voluntários da pesquisa:

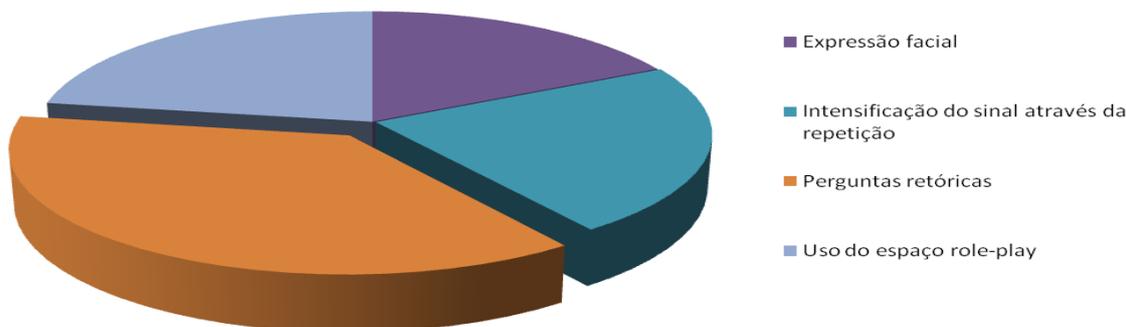


Gráfico 1. Recorrência das estratégias argumentativas utilizadas por surdos na LIBRAS.

Através desse gráfico percebemos que as perguntas retóricas são a estratégia mais utilizada na elaboração de textos argumentativos, seguida da intensificação do sinal através da repetição e do uso do espaço role-play, e, por fim, a expressão facial. Diante disso, percebemos os surdos usam um pouco mais a estratégia inserida no nível semântico, sem desprivilegiar as outras estratégias para o desenvolvimento da teia argumentativa.

Considerações finais

Em todos os comentários produzidos em LIBRAS se evidencia a argumentação, pois encontramos a estrutura básica que compõe o argumento conforme Toulmin ([1958] 2003) – dado e conclusão.

Nas análises dos vídeos, percebemos a recorrência um pouco maior das perguntas retóricas, situadas no nível semântico da LIBRAS. Contudo, é importante destacar que utilização dessa estratégia não foi muito superior à utilização das outras.

Acreditamos que essa utilização um pouco maior das perguntas retóricas se deve, principalmente, em função da necessidade de estabelecer uma relação dialógica com o interlocutor, que, nesse caso, não estava presente, contribuindo para a construção do sentido do texto.

Em segundo lugar, percebemos a utilização da intensificação do sinal através da repetição na mesma proporção da utilização do espaço denominado *role-play*. Isso nos revela que os voluntários se valeram da intensificação do sinal com a finalidade de marcar fortemente o seu posicionamento quanto ao tema proposto e que o uso do espaço *role-play* foi um elemento distintivo a fim de estabelecer o valor semântico do sinal de acordo com a localização espacial.

Por fim, as expressões faciais que não integram o sinal foram agregadas, muitas vezes, à intensificação do sinal e ao uso do espaço *role-play*, o que enriqueceu a argumentação dos voluntários e reforçou o posicionamento que defendiam.

Além disso, percebemos que as quatro estratégias argumentativas utilizadas estão fortemente presentes na composição do argumento, ou seja, no dado e na conclusão. Essa constatação é muito relevante, pois corrobora com a ideia de que os surdos praticam a atividade argumentativa e se valem de estratégias próprias da LIBRAS, marcando a existência do argumento como elemento fundamental de tal atividade. Assim, a utilização dessas estratégias no argumento teve papel distintivo para fortalecer o dado e a conclusão apresentados pelos voluntários em seus textos visuais.

Isso nos remonta também ao que foi analisado em outro momento da pesquisa citada no início deste trabalho. Constatamos que nas produções escritas retextualizadas pelos voluntários a partir de seus textos visuais há predominância de marcas da LIBRAS no trechos do argumento.

Dessa forma, ao abordarmos a estrutura da LIBRAS, especificamente como se dá o desenvolvimento da atividade argumentativa, podemos compreender melhor a importância desta língua para o surdo e contribuir para que professores de língua portuguesa possam estar habilitados a perceber as marcas da LIBRAS nos textos escritos em português por surdos, a fim de ajudá-los a aprimorar suas competências e habilidades de escrita na segunda língua, que é o português, contribuindo para que escrevam de modo menos atípico em português.

Por fim, ao analisarmos as estratégias argumentativas utilizadas por surdos na LIBRAS, percebemos a peculiaridades de tais estratégias, considerando a natureza visual-espacial da língua através dos recursos gramaticais disponíveis em seus níveis estruturantes – fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V.V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

DIAS JÚNIOR, J. F. *Ensino da língua portuguesa para surdos: contornos de práticas bilíngues*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Recife: UNICAP, 2010.

FELIPE, Tanya. *O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na LSCB*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Letras e Linguística. Recife: UFPE, 1988.

FERNANDES, E. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Terra e paz, 1996.

IBGE. *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Disponível em <
http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm > Acessado em 25 de agosto de 2012.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1999.

LEITÃO, Selma. *A construção discursiva da argumentação em sala de aula*. 2000.

NASCIMENTO, G. R. P. do. *Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos*. Tese de Doutorado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Recife: UFPE, 2008.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SELINKER, L. *Interlanguage: International Review of Applied Linguistics*, 10, 1972.

SOUSA, Wilma. *A construção da argumentação da língua brasileira de sinais: divergência e convergência com a língua portuguesa*. Tese de Doutorado Programa de Pós-Graduação em Linguística. João Pessoa: UFPB, 2009.

TOULMIN, S. E. *The uses of argument*. Cambridge: Cambridge Press, 1958.

VELASCO, P. N. *Educando para a argumentação: contribuições do ensino da lógica*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.